

CORPO TELA – FOTOPERFORMANCE

Body Screen - Photoperformance

Cássio Guimarães Pereira

Graduando em Antropologia social. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil.

E-mail: cassio.guimaraesp@gmail.com

Grazielle Ramos Bessa

Graduanda em Teatro. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil.

E-mail: bessagrazielle@gmail.com

Sarah Aguiar Marçal

Graduanda em Design. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil.

E-mail: ann.aguiar@hotmail.com

Daniele Borges Bezerra

Professora substituta no Departamento de Antropologia e Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Brasil.

E-mail: borgesfotografia@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 472-482 jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837







corpo tela

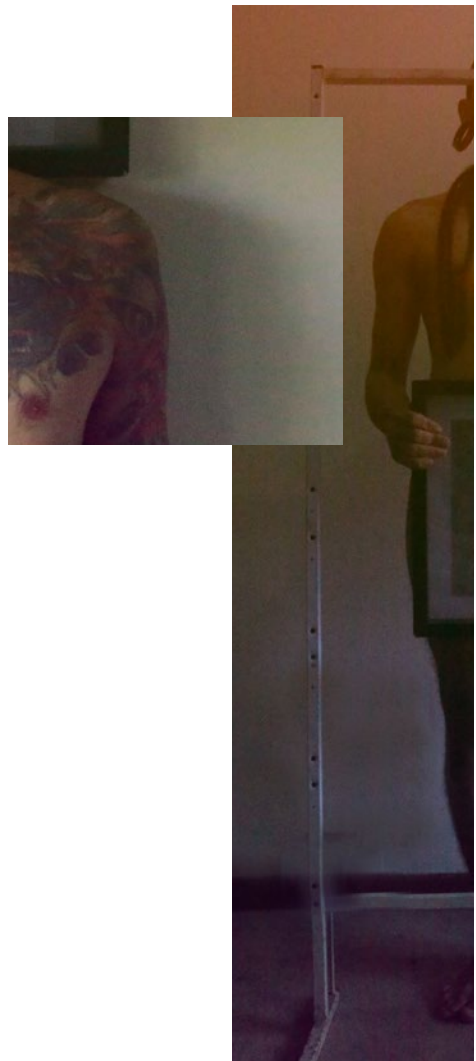
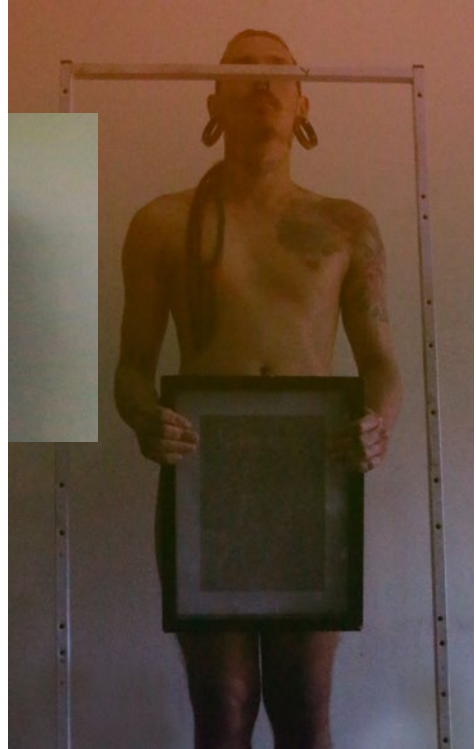
#corpotela #corpotela #corpotela #corpotela #corpotela
#corpotela #corpotela #corpotela #corpotela #corpotela
#corpotela #corpotela #corpotela #corpotela #corpotela
#corpotela #corpotela #corpotela #corpotela #corpotela











O presente ensaio visual foi realizado durante a pandemia de Covid-19, voltado para a ação @pandemiandenarrativas¹, na Rede Social (SRS) Instagram, articulando temas de pesquisa com os quais trabalhamos, quais sejam, o corpo e as modificações corporais, performance e fotografia. Nesse sentido, o ensaio aciona imaginários que instigam à reflexão dentro de uma perspectiva interdisciplinar, articulando Antropologia Visual, Arte e Performance.

Entendemos o corpo enquanto condutor de uma linguagem não verbal e simbólica, um meio cultural produzido socialmente, no qual a arte se mostra a partir de uma estética visual não lida como normativa. E este ensaio se conecta com as trajetórias e vivências corporais de cada pesquisador/a envolvido/a no processo de elaboração desta narrativa “mítica”, mas viva (SAMAIN, 2012). Isso ocorre, sobretudo, porque a partir desta narrativa colocamos em movimento a experiência de reinvenção de uma coexistência compartilhada em um mesmo espaço residencial neste período pandêmico.

A partir de uma concepção coletiva pensamos em como transformar esses espaços e evidenciar outras formas possíveis de habitar o mundo. Isso se dá não somente a partir da reflexão sobre as apropriações que fazemos de um ambiente comum, mas também evidenciando a “agência” (GELL, 2018) de corpos que causam desconforto em diferentes espaços sociais. Com isso pretendemos provocar o olhar de quem vê, ao expormos imagens de corpos não normativos, que reinventam formas de ocupar o “mundo ambiente” (INGOLD, 2015). Estes “cenários” escolhidos, e suas múltiplas formas de apropriação, evocam imaginários abertos à interpretação, e propõem uma outra estética visual, contrária àquela que castra o olhar e constrói uma norma de representação dos corpos. A partir disto, considerando o corpo como um lugar de imaginação, pretendemos gerar reflexões que surgem do atrito entre as sensações provocadas pelas imagens do ensaio e as “imagens mentais” que já possuíamos (BELTING, 2005).

A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (2006), a antropologia sensorial de David Le Breton (LE BRETON, 2004; 2007; 2012) e a busca por uma antropologia

¹ Ação promovida por uma das autoras, a professora Daniele Borges Bezerra, que desenvolve sua pesquisa de pós-doutorado no projeto Antropoéticas, vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/UFPel), coordenado pela mesma.



da vida (INGOLD, 2015) são nosso ponto de partida. É a partir destes referenciais que nos propomos a pensar a performance como comportamento incorporado, memória do nosso eu social no mundo, tal como proposto por Diana Taylor (2011). Da mesma forma, o pensamento de Beatriz Ferreira Pires (2005) e Henry Pierre Jeudy (1998) subsidiam nosso pensamento sobre o corpo enquanto suporte e expressão e arte. Finalmente, ao incorporarmos a arte pela fotoperformance – esse momento de entrega e experimentação do tempo por meio do corpo e dos sentidos, captado e construído com a fotografia – questionamos limites corporais e de gênero, apontando o corpo-lugar onde o mundo é questionado. Portanto, consideramos as modificações corporais como projetos, lócus de sensações estéticas e identitárias, que enunciam corpos em processo, por meio dos quais interagimos com o mundo. A fotografia participa, então, de uma agência performática que ocorre entre o/a fotógrafo/a e o/a retratado/a, a partir de um processo imaginativo que envolve cada tomada de posição (Cf. DIDI-HUBERMAN, 2003). Com isso, damos a ver corpos que são nosso universo simbólico, “telas” que a partir das experiências corporais e estéticas enraízam identidades a partir de grafismos, perfurações e tatuagens, ou seja, ao evidenciar diversas subjetividades corporais, apresentam outras formas possíveis de ocupar espaços, objetivos e subjetivos.



REFERÊNCIAS

BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. **Concinnitas**, ano 6, v. 1, n. 8, julho 2005. Disponível em: <<http://www.fnac.pt/Antropologia-da-Imagem-HansBelting/a802003>>. Acesso em: 22 Jun. 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images malgré tout**. Les Éditions de Minuit, 2003.

GELL, Alfred. **Arte e agência**. São Paulo: Ubu editora, 2018.

JEUDY, Henry Pierre **O corpo como obra de arte**. São Paulo: Editora Estação Liberdade. 1998.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, Editora Vozes: 2007.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais**”, Lisboa: Miosótis – Edição e Distribuição, Lda. 2004.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte – piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: SENAC, 2005.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN, Etienne. **Como Pensam as Imagens**. São Paulo: UNICAMP, 2012.

TAYLOR, Diana. Performance e patrimônio cultural intangível. **PÓS: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, v. 1, n. 1, p.91/103,15 nov. 2011.

Recebido em: 02/06/2020.

Aceito para publicação em: 04/08/2020.

